

A LINGUAGEM DE SUJEITOS AFÁSICOS E SEUS INTERLOCUTORES: UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo (UNICAP)
nadiaazevedo@terra.com.br

Daniele Siqueira Veras (UNICAP)
daniele.veras@gmail.com

Larissa Petrusk Santos Silva (UNICAP)
larissapetrusk@hotmail.com

Adriana dos Santos Leite (IMIP)
adrianasleite08@yahoo.com.br

Introdução

A afasia é definida como um distúrbio de linguagem, portanto, uma pessoa afásica apresenta dificuldades na compreensão ou na emissão da fala e da linguagem, adquirida em consequência de uma lesão nas áreas cerebrais responsáveis pela fala ou pela compreensão das palavras faladas.

Estudar a afasia a partir de uma teoria do discurso (Análise do discurso da linha francesa) faz nos garantir muito valor ao funcionamento de linguagem do sujeito-afásico.

Utilizaremos como base teórica a Análise do Discurso de linha francesa como aporte teórico, nessa teoria considera-se a relação entre língua e ideologia, compreendendo assim como a língua produz (e faz) sentido por e para sujeitos.

Para compor este trabalho foram realizadas oficinas no Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, localizada em Recife – Pernambuco, o que foram vídeo e audiogravadas, transcritas na íntegra e analisados recortes discursivos retirados das oficinas realizadas – recortes esse que foram selecionados e irão compor a discussão do presente artigo.

A partir da análise dos recortes discursivos retirados das seis oficinas realizadas no Grupo de Convivência de Afásicos na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) o trabalho tem por objetivos analisar os discursos dos sujeitos-afásicos identificando, entre as oficinas, efeito de fluência, funcionamento de linguagem, lugares-discursivos que os sujeitos afásicos ocupam, analisar as características linguísticas da afasia, identificar as estratégias que os sujeitos-afásicos utilizam para compor o seu discurso e os efeitos silenciadores no discurso desses sujeitos. Analisaremos, separadamente, as oficinas utilizando os recortes das transcrições feitas no Grupo de Convivência.

O trabalho realizado junto aos sujeitos afásicos em grupo vem sendo concretizado semanalmente nos últimos 5 anos objetivando o estímulo e uso da linguagem e contribuindo assim para pesquisas nas mais diversificadas áreas dentre elas a psicanálise e os ramos da linguística.

Acredita-se que este trabalho contribui para os estudos relacionados a linguagem por abordar a afasia de uma maneira que contemple a linguagem e, assim, o sujeito, já que encontram-se atrelados. A presente pesquisa foi financiada pelo Edital Saúde e Envelhecimento da CNPq (processo no 557878/2009-8).

1. Considerando e refletindo sobre a Afasia

A afasia vem sendo estudada em diferentes níveis ao longo dos anos por diversas áreas de conhecimento, enxergaremos neste trabalho a afasia sob a perspectiva

discursiva.

Segundo Coudry (2001),

“A afasia se caracteriza por alterações dos processos linguísticos de significação de origem articulatória no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não estar associada a alterações de outros processos cognitivos”. Pode ser entendida como uma alteração no conteúdo, na forma e no uso da linguagem e de seus processos cognitivos. Dentro dessa perspectiva essas alterações são assinaladas por diminuição e/ou disfunção da expressão e recepção da linguagem oral e/ou escrita embora em diferentes graus em cada modalidade” (CHAPEY, 1996 *apud* ORTIZ, 2005).

A afasia geralmente é decorrente de transtornos neurológicos como: acidente vascular cerebral - AVC (o popularmente conhecido como derrame cerebral), trauma crânio encefálico – TCE, tumores intracranianos, aneurismas, ou infecções e manifestações degenerativas locais, comprometendo a área específica relacionada à linguagem e seu funcionamento.

.Linguagem oral e a escrita estarão afetadas, e, em decorrência, todos os processos que por elas se relacionam, não é complexo imaginar o impacto da afasia sobre a vida dos sujeitos e seus entes próximos. Os afásicos, geralmente, hesitam ao falar, mostram alta inconstância no uso das palavras, realizando trocas de forma súbita e incompreensível uma pelas outras, apresentam também dificuldades de encontrar aquelas que gostariam de enunciar, muito embora a afasia quase sempre não seja de natureza amnésica.

Esses indivíduos pronunciam de forma dificultosa os sons da língua, repetem, distorcem ou eliminam partes da palavra, apesar de não apresentarem deficiências físicas/motoras que as impeçam de articular, podendo, ainda, falar de maneira telegráfica (MORATO, 2002).

Além disso, sabe-se que o discurso caracteriza-se pela produtividade e criatividade. Entretanto na afasia, observa-se um ligeiro desequilíbrio entre esses dois processos, de forma que a criatividade irá se sobrepor à produtividade, havendo, portanto, uma alteração na inteligibilidade do discurso, e os interlocutores, na busca de manter o equilíbrio em seu discurso.

Considerando que discurso trata-se de um conjunto de enunciados que derivam da mesma formação discursiva social, analisar o discurso do sujeito afásico (como qualquer outro discurso) significa observar o uso da linguagem em suas determinações concretas. No entanto, como o discurso só se dá no discurso do outro, somente analisando a relação discursiva se poderá entender o funcionamento discursivo de dois ou mais interlocutores: o que fala e o que quer falar.

2. Análise do discurso francesa como aporte teórico

Na origem da análise do discurso francesa tal como é pensada por M. Pêcheux, seu fundador, está a relação da linguagem com a ideologia. Há uma mudança na conjuntura histórica francesa, com o estruturalismo enfraquecido, começam a surgir teorias linguísticas que, apesar de apoiar-se no Estruturalismo, distanciam e colocam em consideração os aspectos sociais e subjetivos que envolvem a linguagem. Brandão (2004, p. 11-12) afirma que os linguistas passam a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora desse pólo da dicotomia saussureana. E essa

instância da linguagem é o discurso. Ela possibilitará operar a ligação necessária entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico.

Pêcheux, no final dos anos de 1960, coloca em cena o discurso como objeto de análise, o discurso não pode ser confundido com língua ou com a fala. Não é a mesma coisa que transmissão de informação, nem é um simples ato do dizer. O discurso evoca uma exterioridade à linguagem – a ideológica e o social. Com o atravessamento da exterioridade, a homogeneidade da língua afasta-se. Desta forma, considera-se a língua heterogênea, aberta a falhas, equívocos.

Para a análise do discurso pechetiana não há sujeito sem ideologia. É através do discurso que a ideologia materializa-se. De forma particular, esse autor trata da relação entre a “evidência subjetiva” e a “evidência do sentido”, colocando o discurso no lugar particular em que se articulam a linguagem e a ideologia. Orlandi (1987) afirma que a primeira coisa que devemos observar é que a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um conjunto de elementos abstratos, mas “com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto partes de sua vida”, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Quando se trabalha com a análise do discurso observamos que é no discurso que poderemos considerar a relação entre língua e ideologia, compreendendo assim como a língua produz (e faz) sentido por e para sujeitos. A Análise do Discurso (AD), desloca e rompe com conceitos de três áreas do conhecimento científico: científico: o Materialismo Histórico (teoria das formações sociais e suas transformações), compreendida aí a teoria da ideologia; a Linguística, (teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a teoria do discurso (teoria da determinação histórica dos processos semânticos).

Orlandi (1987, p. 65) afirma que “os procedimentos da Análise do Discurso têm a noção de funcionamento como central e leva a compreensão pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos”. A análise consiste no que Orlandi (1987) chama de materialidade linguística: o como se diz, quem diz, em que circunstâncias, aquilo que se mostra enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz). É necessário considerar que, ao fazer uma análise do discurso, deve-se ter em mente que o discurso é uma construção ideológica da realidade, por isso é imprescindível atentar para as condições do discurso (o aparelho ideológico no qual ele se inclui), as representações que interferem na sua construção, as relações de força e os efeitos que se procura estabelecer. Leva-se em consideração o campo ideológico que o produtor do discurso atua, o plano social e político do sujeito e suas intenções.

A ideologia vai reproduzir as relações de produção, isto é, o sujeito será identificado/assujeitado como sujeito ideológico, de forma que cada sujeito interpelado pela ideologia busque ocupar o seu lugar em um grupo ou classe social de uma determinada formação social.

Sendo assim, o enunciador do discurso não é um sujeito de experiência/existência individualizada, o sujeito é polifônico, marcado por várias vozes, uma vez que participa de um mundo onde diversas produções discursivas cruzam-se em sentidos diversos. O discurso do sujeito não é centrado em si mesmo, mas fruto das interações sociais que estabelece e são reveladas na sua enunciação polifônica (PÊCHEUX, 1997).

O indivíduo, agora interpelado a sujeito pela ideologia, fala a partir de condições de produções específicas. Quem fala “produz” seu discurso de um determinado lugar e de uma determinada posição, são as formações imaginárias que marcam o lugar de quem fala e quem ouve: um professor falando com um aluno, por exemplo. As

“formações imaginárias” são as relações entre esses lugares, aquele que fala e o interlocutor imaginam aquilo que fazem e que o outro faz, por antecipação, assim, “o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte”.

3. Abordagem linguístico-discursiva: análise dos recortes de fala dos sujeitos afásicos

No Grupo de Convivência de Afásico da Universidade Católica de Pernambuco foram realizadas oficinas com objetivo de exercer o funcionamento da linguagem em si, para isso, foram (re)pensadas tais dinâmicas que pudessem abranger o nosso propósito e com base na prévia experiência de trabalhos realizados em tal grupo. Selecionamos 6 (seis) oficinas dentre as aplicadas para que pudéssemos usar no *corpus* d

A oficina Um intitulou-se “*Localizando-se em sua cidade*”, na qual a equipe de pesquisadoras expôs fotos de lugares turísticos, cultura e figuras do cotidiano da cidade (Recife). Na maioria das fotos apresentadas os sujeitos-afásicos estabeleceram vínculos a acontecimentos que o constituem como sujeito. As figuras remeteram a lembranças e observou-se, em ambos os grupos, que a recordação de algum acontecimento, evocado a partir da figura, abria os discursos dos sujeitos, veremos:

Recorte Discursivo 1

Figura: Marco Zero (Recife Antigo)

S1.1- atrás, atrás, atrás
[APONTANDO PRA FOTO]

P1- As esculturas de Brennan?

S1.2- Sim, sim... Atrás, atrás, atrás
andando, andando, muitos anos
[GESTICULA COM AS MÃOS]
atrás, andando muito anos...

P2- Os bondes...

S1.3- Muitos anos, muitos anos...
[GESTICULA COM AS MÃOS].

P2. O bloco da saudade?

S1. É, é, muito bom...

Sabemos que a repetição é uma característica das afasias em geral. Tomando como base a Análise do discurso, qualquer repetição já significa diferentemente, pois introduz uma modificação no processo discursivo (ORLANDI, 2007), ou seja, a diferença faz sentido na repetição. Quando o sujeito diz a mesma coisa duas vezes, há um efeito de sentido que não me permite identificar a segunda à primeira vez, pois são dois acontecimentos diferentes, produzem sentidos diferentes. Quando S1 ocupa a posição de conhecedor do Recife antigo, nas repetições de “*atrás, atrás*” em S1.1 e S1.2, os acontecimentos discursivos são diferentes, significam diferente, os sentidos construídos entre os interlocutores são diferentes. Observa-se também a necessidade de

interpretação ou de “dar (mais) um possível sentido” à fala do sujeito-afásico por parte das pesquisadoras: em P1 e P2. Essa urgência para interpretação do discurso do afásico, neste caso, abre a(s) possibilidade(s) do dizer do discurso de S1 que continua a falar. S1 foi presidente de um bloco carnavalesco da cidade do Recife.

A atividade proposta na oficina de número Dois foi “*Complete a música*”, em que foram escolhidas seis músicas de gêneros conhecidos e cada vez que a música parava, os sujeitos a completavam e expunham alguma lembrança ou acontecimento que a música resgatava.

Um dos objetivos específicos da proposta era o de relacionar as músicas às lembranças (memória discursiva) e recordações que os sujeitos tinham. Presenciamos diversas manifestações e, através disso, foi trazida uma discussão sobre o presente, sobre o que eles faziam antes, em outros momentos de suas vidas em comparação com o agora. As músicas escolhidas foram músicas que os identificavam como conhecedores da cultura da cidade, vejamos os recortes:

Recorte discursivo 3

[Música: Hino do Elefante, frevo tradicional que faz adoração ao carnaval de Olinda, bastante conhecida e apreciada, um dos hinos do carnaval pernambucano.]

S5.1- Olinda, Olinda, Olinda.

[S5 começa a chamar a atenção de S6. para a música e aponta em direção ao som. S6. ouve atento, reconhece a música e começa a gesticular com o dedo pra cima ao ritmo da música]

S6.1- Canta: *pan, pan, pan...* (ao ritmo da música).

P3- Cadê a sombrinha?

S5.2- (gesticula como se estivesse dançando com a sombrinha de frevo)

S8.1- (se dirigindo a S1) – Eita, teu tempo hein? Lembrando do teu tempo, né?

S6.2- (balança a cabeça concordando) – Choro, choro, choro, choro. Muito tempo, muito tempo.

S8.2- Mas não chore não, fique alegre!

De uma maneira ampla, é a memória discursiva, para a AD, que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas (BRANDÃO, 2004, p. 95). Recife é uma cidade conhecida pela sua cultura, o carnaval é a festa popular de maior prestígio na cidade, é a memória discursiva que permite formulações que constituem uma formação discursiva (neste caso: são cidadãos recifenses falando da cultura da cidade). Essa é uma das posições que ocupam os sujeitos-afásicos para a constituição desse discurso.

Em S5, o sujeito já diz o nome da cidade conhecida por suas famosas ladeiras no carnaval. Quando um sujeito-afásico começa a chamar atenção de outro sujeito, ele se reconhece no outro, o outro também é conhecedor daquilo que ele sabe e ocupa a mesma posição que ele. Em S5.2, a sombrinha de frevo também representa o carnaval da cidade e toda essas manifestações representam uma memória discursiva.

A terceira oficina intitulou-se “*Relembrando os Fatos Históricos*”. Nessa atividade, foram selecionadas figuras de acontecimentos (da década de 50 até os dias atuais) para que cada sujeito, individualmente, falasse ou narrasse uma história sobre a figura escolhida. As figuras selecionadas de alguma maneira marcaram acontecimentos históricos do nosso país:

Recorte discursivo 4

S9- Ele foi o Presidente... Foi...
Getúlio.

P4- E ele fez muitas coisas boas para o Brasil?

S10- [ESCREVE NO PAPEL:
PETROBRAS, CARTEIRA DE
TRABALHO, 13°]

S9.2- Mas ele foi morto...

P4- Mataram ele? Como? Me contem!

S9.3- Arma, é.. é... ele se matou.

S11- Oiê [NEGAÇÃO]

P1- Então o senhor acha que mataram ele?

S11.2- Oiê [AFIRMANDO]

P5 - Quem foi o jogador brasileiro, negro que foi campeão mundial, quem foi?

S11 - Pelé!

S12 - Pelé!

P1 - Pelé! Ele jogava em que time?

S13 - Santos!

A figura apresentada para o grupo é do presidente Getúlio Vargas (acontecimento histórico: presidente do Brasil), está na memória discursiva da população brasileira por aquilo que fez enquanto presidente. Para a AD, o acontecimento discursivo é todo discurso que rompe com aquilo que vem circulando, o já dito, e a memória sobre o acontecimento: S9.3 “ele se matou”, S11.2 discorda, acredita que o mataram. Orlandi (2007), discutindo o que seria um acontecimento discursivo, afirma que o acontecimento discursivo não acontece no mesmo momento da notícia jornalística nem com o dado histórico, com aquilo que a história marca como “dado histórico”.

Acontecimento discursivo acontece no momento em que os discursos sobre ele se cruzam, formando um novo dizer, rompendo com aquilo que é. Acontecimento discursivo acontece na “relação entre os dizeres”. Para Pêcheux (1990, p.17) o

acontecimento discursivo é aquele que se produz “no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”.

A posição discursiva (na discussão sobre presidente e no recorte sobre Pelé) dos sujeitos é de conhecedores das histórias que marcaram/marcam o país. Em S9.3 e S11.2, apesar de falar na posição de cidadãos brasileiros, há um confronto no discurso, pois quem ocupa a posição de “acreditar que o presidente se matou” pensa (e está no discurso) diferente de quem ocupa a posição de “acreditar que o presidente foi assassinado”. A própria formação discursiva e ideológica, neste caso, é diferente entre os participantes. Acreditar no possível assassinato do presidente fala de um lugar de questionamento sobre a ordem política.

A quarta oficina, “**Argumentação**”, propunha que a partir de trechos de textos, lidos pelos sujeitos-afásicos com auxílio das pesquisadoras, cada participante argumentaria/falaria sobre o texto lido com a ajuda dos outros participantes.

Recorte discursivo 5

P6 - Eu trouxe algumas frases e figuras que falam sobre qualidade de vida dos idosos, vamos dar uma olhada e depois a gente conversa um pouco sobre o que vocês acham, se concordam ou não, tá certo? S1, quer começar?

[S14 lê a fragmento “*No item de políticas públicas de idosos, o Brasil melhorou muito. Temos o direito dos idosos, mas é importante lembrar que ainda há muitos camelôs que trabalham mais de 10 horas por dia sob sol.*” com dificuldade, sendo necessário auxílio da pesquisadora].

P6 - O que vocês acham disso? Concordam que melhorou o direito dos idosos?

S14 - Melhorou [BALANÇA A CABEÇA POSITIVAMENTE].

S15 - Ó aí ó [BALANÇANDO A CABEÇA POSITIVAMENTE].

P6 - O que é que vocês acham que tá melhor?

S14.2 - Eu não trabalho...

P6 - Tá com aposentadoria?

S14.3 - Eu tô com aposentadoria...

[S15 lê a seguinte frase “*Acho que tenho que seguir a luta para conseguir vivendo, é tudo questão de vontade, quem quer sair de casa e aproveitar a vida.*” com bastante dificuldade e também é necessário o auxílio da pesquisadora.]

P7.1 – S15, o que tem feito pra se divertir?

S15.1 - Eu, nada.

P7.2 – Nada? E o que você gosta de fazer?

S15.2 - A praia, eu fico é...sol...é...é...nadando.

P7.3- Nadando? É, se não entra no mar parece

que não foi para praia, né? E S16, entra no mar?

S16- [BALANÇA A CABEÇA POSITIVAMENTE]

S17 - Não gosto, gosto do mar, mas pra ir pra se divertir não...

S15.3 - Pra ir com AVC fica ruim...

S15.4 - Porque...tem de ir a pessoa, acompanhar. E é... E...eu não gosto muito de incomodar, não.

P7.4 - Fica ruim? Por quê?

P7.5- Mas dependendo da pessoa não incomoda não. Seu marido mesmo tem o maior prazer de te acompanhar que eu vejo, todo atencioso.

A relação da AD com a leitura é bastante interessante. Possenti (2009, p.13) afirma que “a leitura não é a leitura de um texto enquanto texto, mas enquanto discurso, isto é, na medida em que é remetido a suas condições, principalmente institucionais de produção”. Para a AD não nos interessa, primeiramente, o texto como circulação, mas sim o sentido, com aquilo que ele faz significar.

A pesquisadora escolheu textos que de alguma forma significariam (e gerariam efeitos na linguagem dos sujeitos da pesquisa). A escolha por textos sobre “a qualidade de vida dos idosos” . P6 e P7 ocupam a posição de pesquisadoras, escolhem o texto levando em consideração quem irá ler o texto: quem lê um texto ocupa uma determinada posição. Todos os sujeitos do recorte (S14 e S15) concordam que o direito dos idosos melhorou, a palavra “melhorou” também indica que a situação não está devidamente boa, no entanto, “melhorou” (S14). São sujeitos que, atualmente, ocupam uma posição melhor na sociedade, o acesso à aposentadoria (S14.3), o discurso evidencia aquilo que poderia ser uma dificuldade.

Em S15.4 aparece a antecipação do sujeito em relação ao outro. Orlandi (1987) afirma que “pela antecipação, o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte, a partir de seu próprio lugar: é a maneira como o seu locutor representa as representações de seu interlocutor e vice-versa... a antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva do discurso, no nível das formações imaginárias”. O “*não gosto muito de incomodar , não*” do S15.4 o coloca na posição de causadora de algum incômodo (por precisar de um acompanhante), uma obviedade que pode não existir, já que o companheiro demonstra-se muito atencioso (P7.5).

A atividade cinco foi “*Narrativas de Receita*”. As pesquisadoras escolheram receitas que utilizavam alguns ingredientes ou características que marcam a região nordeste do país.

Recorte discursivo 6

P8- Mas é qualquer feijão? Ou é um feijão especial?

S16- Especial.

S17- Feijão preto.

P8- Isso mesmo. É feijão preto da terra da gente.

P8- Mas como é o nome desse prato que se faz com feijão preto, carne, costela?

S18- Feijoada.

P8- E o que mais se coloca na feijoada?

S19- Paio.

P8- Paio. O que mais?

S19.2- Paio, calabresa, charque, tocinho, pé de porco...

P9- Para fazer uma moqueca eu preciso de quais ingredientes?

S20- Mo... Moqueca

S20.1- Azeite de dendê

S21- Escreve no papel: Badejo

S22- Leite de côco.

P10- De que será esse bolo?

S23- Oiê... [DEMONSTRANDO QUE SABE O NOME] Escreve no papel: Bolo

S23.2- Ta.. Tapioca.

Os sujeitos conhecem os ingredientes que constituem a receita, e identificaram os ingredientes típicos da região.

A oficina traz um acontecimento: comidas típicas do Nordeste brasileiro. Como já foi enfatizado, na AD, o acontecimento discursivo se produz “no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX,1990, p.17). A memória discursiva rompe o silêncio afásico e faz transbordar alimentos das receitas. A estereotipia do sujeito S23 não impede que ele se comunique, pois o faz a partir da linguagem escrita. A interdiscursividade, que se traduz em um discurso não ser nunca único, mas vir sempre de outros discursos, já ditos, também é observada, fluindo firmemente na sequência de alimentos típicos.

A oficina seis “*Filme de Humor*”, trazia filmes de Mr. Bean, com cerca de 15 minutos cada (*Filmes*: 1x13 – Goodnight/ 1 x07 – MerryChristmas). Trata-se de uma série de humor, com textos quase sem fala e excesso de imagens cômicas.

Recorte discursivo 7

P11- E qual foi a parte mais engraçada que vocês acharam do filme?

S24- Todo é engraçado. Todo ele é engraçado.

P11- A do bule, não foi? E no final ele acabou...

S25- A parte do bule.

P11- Com o lixeiro na mão. E qual a moral da história, gente, o que a gente aprende no final

S26- Lixo na mão.

de tudo?

Todos- [risos].

S27- Ladrão, ladrão, ladrão.

P11- Ladrão. Ser esperto nem sempre é bom, né? **S24.2** - Que ladrão, rapaz.

S27- É.

O filme escolhido é bom por não conter a linguagem verbal. O filme abre várias possibilidades de sentidos e interpretações. Em S27 e S24.2, o personagem é ladrão ou é esperto? São os “efeitos de sentidos” produzidos pelos sujeitos. Escolher um filme com pouco uso da linguagem verbal exige o mínimo do conhecimento gramatical (que no afásico pode estar comprometido) de quem vê. O que está em questionamento não é a atitude ou ação do personagem, o que se tem é que o riso é o efeito de sentido, significa. O personagem do filme não fala, o que faz com que o sujeito que assiste ainda possa se identificar ou não com o ator, a partir da antecipação, presente nas formações imaginárias.

Recorte discursivo 8

P12- Ele foi seguindo a ambulância, né? Mas ele chegou aonde?

S28 – Aí...

S29 – No hospital.

S30.1 – Não consigo falar...

P12- Olha, mas um vai ajudando o outro, porque contar uma história fica mais difícil, eu sei.

S29.2 – Ele chegou atrás da, da...ambulância, empatou, a...abrir a porta.

S30.2 – Ele não... não... pôde passar...ele fechou a porta, fechou com...

S9.3 – O cadeado.

Não acreditamos numa fluência total, muito menos numa fala ideal o tempo todo, da mesma forma que acreditamos que o sujeito-afásico não é afásico o tempo todo, apesar de ficar preso ao discurso da impossibilidade do dizer, como acontece com S30.1. Dizer que “não consegue falar”, por causa da dificuldade ou porque em algum momento não conseguiu falar, é uma característica do sujeito-afásico. O que precisa é o sujeito sair desta posição, o que acontece em S30.2. Talvez, neste momento ele nem perceba que falou, porque fica preso ao momento de impossibilidade, mas há o deslocamento de posição: do discurso da impossibilidade para o acontecimento discursivo.

De fato, contar uma história exige uma fluidez linguístico-discursiva demasiado intensa para o sujeito afásico. Esta atividade traz imediatamente o discurso da impossibilidade, que cristaliza o sujeito: *não consigo falar*. Ao mesmo tempo, o discurso da terapeuta tem o efeito de soltá-lo do aprisionamento e ele desliza discursivamente, mostrando a ele mesmo que consegue.

Considerações Finais

A escolha pela Análise do discurso como dispositivo teórico e de análise nos fez, essencialmente, levar em consideração o discurso do sujeito-afásico valendo da importância de tudo aquilo que o constitui e o torna sujeito, não só um sujeito falante, mas um sujeito que ocupa diferentes posições, constituído por ideologia(s) e interpelado/atravessado por interdiscursos. A Análise do Discurso (AD), disciplina fundada por Pêcheux na França, toma por base o discurso como acontecimento, enquanto “efeitos de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, 1990) e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso).

Para a análise das oficinas fez-se necessário elaborarmos algumas consideração elementares, e principais, da análise do discurso (AD) que foram essenciais à análise. Quando trabalhamos com a análise do discurso observamos que é no discurso que poderemos considerar a relação entre língua e ideologia, compreendendo assim como a língua produz (e faz) sentido por e para sujeitos. Não acreditamos em um “único” sentido no dizer, acreditamos em sujeitos afetados pela ideologia que, em sua prática discursiva, tem a ilusão do único sentido daquilo que fala, e ainda, tem ilusão de ser o dono do dizer.

Desta forma, o discurso é o além de. O discurso não seria apenas a transmissão de uma mensagem eficaz elaborada pelo emissor que tem como objetivo tornar comum uma mensagem ao receptor. Pensar a linguagem enquanto discurso é interação, ela (a linguagem) “não é neutra, inocente, e nem natural” (BRANDÃO, 2004). Discurso é efeito de sentidos, isto é, o discurso somente existirá à medida que os interlocutores se “aproximarem” pelo significado ocorrendo assim uma relação de troca, levando em consideração a condição de produção do dizer, o lugar de onde o sujeito fala e para quem ele fala.

Para a AD não pode existir um (único) sentido no discurso (objeto de análise) assim como não se acredita em um sujeito *uno*, homogêneo. Pêcheux (1975, p.119) afirmou que o sentido, assim como o sujeito, não são dados *a priori*. Descartamos assim todo resquício de obviedade e evidência do sentido.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, H. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2004.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: Discurso e Afasia**. Ed. Martins Fontes, 2001.
- MORATO, E.M. **Sobre as afasias e os afásicos** – subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Unicamp, 2002.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ORLANDI, E.. **As formas do silêncio**. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- ORTIZ, K.Z. Afasia In: ORTIZ, K.Z. (org) **Distúrbios neurológicos adquiridos: linguagem e**

cognição. Barueri, SP: Manole, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1988 (título original: *Les vérités de la Palice*, 1975).

POSSENTI, S. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo, SP. Parábola Editorial, 2009.